

## O TECIDO INTERTEXTUAL E INTERMEDIA DA JANE AUSTEN FAN FICTION

Maria Clara Pivato Biajoli- UniAnchieta  
mariabiajoli@gmail.com

**Resumo:** O presente artigo propõe apresentar algumas características do fenômeno da Jane Austen Fan Fiction (JAFF), histórias escritas por fãs atuais da autora inglesa Jane Austen (1775-1817) baseadas, principalmente, no romance *Orgulho e Preconceito*. Entre essas características, estão a repetição da história de amor em um estilo sentimentalista e o foco no final feliz, o papel do mercado editorial através da livraria americana *Amazon* e, não menos importante, o diálogo intermediário e intertextual construído pelos fãs que envolve outras *fan fictions*, adaptações de cinema e TV e o romance original. Esse diálogo será analisado a partir de trechos de algumas histórias selecionadas e também uma versão de *Orgulho e Preconceito* no formato de quadrinhos japonês mangá.

**Palavras-chave:** Jane Austen. Fan Fiction. Intertextualidade. Intermedia. Mangá.

### INTERTEXTUAL AND INTERMEDIA WEAVES OF JANE AUSTEN FAN FICTION

**Abstract:** This essay aims to present some important characteristics of the Jane Austen Fan Fiction phenomenon (JAFF), the current production of stories by fans of the English writer Jane Austen (1775-1817) based mainly on her novel *Pride and Prejudice*. Among these characteristics are the repetition of the love plot in a sentimental style and the focus on the happy ending, the role of the editorial market through the American bookstore Amazon, and, even more important, the intermedia and intertextual dialogue constructed by fans between previous fan fictions, movie and TV adaptations and, obviously, the original novel. This dialogue will be analyzed through a selection of fan fictions and also a version of *Pride and Prejudice* in the Japanese comic novel style called manga.

**Keywords:** Jane Austen. Fan Fiction. Intertextuality. Intermedia. Manga.

Continuações de obras literárias escritas por outras mãos que não as do seu autor original certamente não são uma invenção recente. Desde o segundo volume de *Dom Quixote* (1605) escrito pelo misterioso Alonso Fernández de Avellaneda, que provavelmente levou Cervantes a matar seu herói em seu segundo volume, até as mais diversas derivações de *Pamela* (1740), de Samuel Richardson, podemos listar inúmeros exemplos de como admiradores de livros famosos tomaram a pena para continuar as aventuras de suas personagens preferidas, seja por admiração, seja por ganho financeiro. E mesmo nos séculos anteriores ao advento das leis de direito autoral, essa relação entre autor e seus fãs não parece ter sido pacífica, com o próprio Richardson lamentando esses “ladrões de literatura”<sup>1</sup>.

Essa prática, contudo, parece ter se transformado em um outro fenômeno totalmente diferente no século XX com o advento da chamada *Fan Fiction*. Trata-

---

<sup>1</sup> “these poachers in literature”, tradução minha, apud BREWER, 2005, p.124.

se de histórias escritas por fãs tanto de obras literárias (como as sagas *Harry Potter* e *Crepúsculo*) quanto de produções de cinema e TV (como *Jornada nas Estrelas*, *Guerra nas Estrelas*, *Arquivo X*, etc.) e publicadas, no início, em revistas “caseiras” (*fanzines*) e, hoje, em incontáveis comunidades online de maneira gratuita. Ao contrário da reação desanimada de Richardson, os detentores de direitos autorais de filmes e livros atuais raramente procuram impedir a publicação de *fan fiction* (ou *fanfic*), muito pelo contrário: as comunidades de fãs atuam como um importante veículo de publicidade, de termômetro de aceitação/rejeição, e até mesmo como incubadoras de novas histórias e autores. O caso da trilogia *Cinquenta Tons de Cinza* (2011) parece ser bem emblemático nesse caso, já que nasceu como uma *fanfic* da saga *Crepúsculo* (2005).

Dentro desse universo internacional, destaca-se o fenômeno atual da *Jane Austen Fan Fiction* (JAFF), construído pelos fãs atuais da escritora inglesa Jane Austen (1775-1817), o qual aparece como uma exceção dentre os casos de *fan fiction* baseados em literatura: Austen é a única autora contemplada com uma rede enorme de fãs que consomem *fanfic*, frequentam bailes de época e vestem-se em trajes regenciais, ao mesmo tempo em que conta com o respeito da academia e com um lugar incontestado no tradicional cânone literário de língua inglesa. Austen, portanto, é intensamente estudada nas universidades e ensinada nas escolas, mas também adaptada por Hollywood, BBC, Bollywood e até pela Rede Globo<sup>2</sup>, e explorada à exaustão pelos seus admiradores-autores de mais diversos países, como podemos observar pela existência de diversas “Jane Austen Society” não só na Inglaterra e nos EUA, mas também na Espanha, Paquistão, Portugal, Argentina e, claro, no Brasil.

Apesar dessa grande difusão, o objeto de estudo deste artigo é a produção de JAFF na América do Norte e Inglaterra comercializada através da livraria online *Amazon*. Esse recorte foi necessário para se obter uma amostra controlada de histórias a serem analisadas, já que o número de *fanfics* disponíveis nas comunidades online é muito grande e instável. Além disso, o fato de essas histórias serem publicadas e comercializadas em formato de livro (papel ou eletrônico) mostra como existe também um mercado muito grande para esse tipo de produto, o suficiente para suas autoras mais consagradas, como Abigail Reynolds, que têm mais de dez livros publicados baseados em *Orgulho e Preconceito*, abandonarem suas profissões anteriores e se dedicarem totalmente à *fan fiction*<sup>3</sup>.

Dentro da lógica do mercado editorial, o papel do público leitor é fundamental para o surgimento de continuações de uma forma geral, porém o ambiente proporcionado pela *Amazon* também se torna um fator essencial no universo da JAFF. Como analisou Mary Ann Gillies, mesmo que um autor desejasse continuar sua própria obra, isso só aconteceria se houvesse uma demanda dos leitores, analisada pelos editores a partir do sucesso da obra original. Só o desejo do autor não é suficiente; porém, quando o desejo dos três – leitor, autor e editor – coincidem, afirma Gillies, uma continuação se torna praticamente inevitável<sup>4</sup>. No caso da JAFF, a figura do autor não detém mais poder sobre esse universo – os direitos autorais sobre os romances de Austen estão há muito expirados já que a

---

<sup>2</sup> O canal lançou, recentemente (20 de março de 2018), a novela *Orgulho e Paixão*, baseada nos romances da autora.

<sup>3</sup> Entrevista concedida pela autora durante o *Annual General Meeting* da Jane Austen Society of North America em Huntington Beach, CA, 2017.

<sup>4</sup> GILLIES, 1998, p.132.

escritora faleceu há duzentos anos –, o que permite o surgimento de uma nova figura autoral, o leitor-fã-autor. Pela lógica de Gillies, isso aumentaria ainda mais a “inevitabilidade” da continuação. Mas, curiosamente, o papel do editor aos poucos também passa para o fã, já que as grandes editoras só vão publicar em papel as histórias que tiveram uma boa recepção nas suas versões online. Assim, quando a *Amazon* permite que os autores publiquem seus livros de *fanfic* sem custos, os quais são vendidos a preços muito baixos (ou até mesmo disponíveis gratuitamente para os assinantes de serviços como o “Kindle Unlimited”, que transforma parte do acervo da *Amazon* em uma grande biblioteca), temos um influxo enorme de continuações, muitas inclusive com erros de ortografia, indicando que nem mesmo um processo de revisão é necessário nesse sistema apressado de “autopublicação”. Porém, caso alguma obra específica passe a ser muito procurada pelos fãs, ela é lançada em papel por editoras que estão atentas a esse universo e o preço da versão eletrônica (ebook) aumenta. Dessa forma, o que ocorre aqui não é o encontro do interesse do autor, do leitor e do editor, como argumentou Gillies, e sim a acumulação desses três papéis numa só figura, o fã de Austen.

A partir dessa nova unidade, é possível entender a primeira característica marcante da JAFF: a repetição de um mesmo modelo de história, especialmente a partir do romance *Orgulho e Preconceito* (doravante O&P), valorizando apenas a trama amorosa, reconstruída com muito sentimentalismo, e apagando, de forma frequente, qualquer tipo de leitura crítica do original<sup>5</sup>. Em outras palavras, como quem produz e quem consome essas *fanfics* são as mesmas pessoas, fica claro que elas escrevem suas histórias para satisfazer seus próprios desejos, que são comuns à grande maioria dos fãs.

A segunda característica marcante do fenômeno da JAFF, porém, é uma complexa inter-relação entre os romances originais de Austen, diversas *fanfics* publicadas ao longo dos anos, e as adaptações para cinema e televisão. Temos então uma aparente contradição entre a produção repetitiva e simplista do mesmo tipo de história e o interessante diálogo intertextual e intermediário tecido pelos fãs, que será analisado a seguir.

De uma forma geral, podemos atribuir ao seriado da BBC *Pride and Prejudice* (1995) a segunda grande explosão de popularidade de Austen a partir da década de 1990, e também o surgimento da JAFF. É verdade que a primeira continuação de uma obra de Austen foi publicada por Sybil Brinton em 1913, intitulada *Old Friends and New Fancies*, e desde então vários romances baseados na sua obra foram lançados, inclusive algumas tentativas de completar o manuscrito inacabado *Sanditon*. Essas histórias, porém, foram produzidas e publicadas de forma independente do fenômeno da *fan fiction*, que surgia especialmente pela popularidade de seriados de televisão de ficção científica. Porém, após a transmissão da adaptação de O&P em 1995, Austen entra definitiva para o universo da *fan fiction* com, por exemplo, a publicação de *Darcy's Story*, de Janet Aylmer, naquele mesmo ano. É por isso que, apesar de a primeira continuação das obras de Austen ser da década de 1910, o fenômeno da “Austenmania” e do enorme crescimento atual da JAFF é, na verdade,

---

<sup>5</sup> Minha tese de doutorado, *Orgulho e Preconceito no Século XXI: Austenmania e a Fantasia do Final Feliz* (Unicamp, 2017), analisa em profundidade esse tema e mostra que mais de 90% da JAFF publicada na *Amazon* é derivada de O&P. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/322349?locale=en>

extremamente contemporâneo, e foi diretamente influenciado pelas convenções da *fanfic*.

O seriado da BBC se torna, então, a primeira grande base de sustentação do universo imaginário construído pelos fãs a respeito de O&P e será retomado inúmeras vezes, tanto por suas escolhas de roteiro quanto pela escolha de elenco. Com certeza a popularidade do ator Colin Firth no papel de Mr. Darcy é parte inconteste da caracterização física obrigatória dessa personagem pelos fãs. Podemos observar também como as cenas finais do seriado foram incorporadas em *fanfics* e até mesmo por uma versão em quadrinhos mangá. O último episódio termina com Darcy e Elizabeth partindo para sua lua de mel em uma carruagem. Nesse momento, o casal tem o seu primeiro beijo mostrado para o público, algo que fora omitido durante a segunda proposta de casamento e na própria cerimônia:



Fig.1: Cenas finais da adaptação de 1995 em que Elizabeth e Mr. Darcy partem para seu final feliz em uma carruagem. O beijo dos protagonistas permanece congelado na tela enquanto os primeiros créditos aparecem<sup>6</sup>.

Na adaptação para mangá, a cena é reproduzida assim:



Fig.2: “And so, despite his pride and her prejudice, Elizabeth and Darcy found their perfect match in one another.”<sup>7</sup>

Já na JAFF, temos os exemplos de *One False Step* (2015) de Elaine Owen e *Prevailed On To Marry* (2016), de Zoe Carter, cujos finais parecem ser uma descrição do que foi mostrado no seriado de 1995, indicando a sua permanência no imaginário dos fãs mesmo vinte anos depois de transmitida na televisão pela primeira vez:

<sup>6</sup> *Pride and Prejudice* (seriado), Dir.: Simon Langton, 1995. Episódio 6, de 00:47:55 a 00:48:22.

<sup>7</sup> “E assim, apesar do orgulho dele e do preconceito dela, Elizabeth e Darcy encontraram o par perfeito um no outro” (tradução minha). In KING e TSE, 2014, p.366.

Mr. Bennet attempted to make light of the moment, but words failed him utterly, and he settled instead for insisting on being the one to hand Jane and Elizabeth into their respective carriages. The husbands followed their wives and the carriages started off, waving until they were out of sight of Longbourn and each other. (...) Smiling broadly, Darcy kissed her again and Elizabeth sighed in contentment as she returned his gesture. The carriage, with its two inhabitants blissfully unaware of their surroundings, continued on its way. In the brilliant sunlight of the new day it turned onto the London road, away from Longbourn, and into the beginning of a happy union (...).<sup>8</sup>

They emerged from the church in a shower of confetti made of fresh rose petals and then went over to Mr Darcy's sumptuous carriage, which was pulled by four white horses. He handed Elizabeth in and then climbed in beside her. They waved to their friends and family as the carriage pulled away (...). Their lips met and their kiss was the start of a long and happy life together<sup>9</sup>.

Podemos perceber que as duas autoras das passagens acima reproduzem uma imagem divulgada pela adaptação da BBC, e isso não é um problema, nem para elas, nem para seus leitores. A originalidade não é um pré-requisito para a qualidade de uma continuação, segundo os fãs, mas sim as emoções que elas produzem. Nesse sentido, Janice Radway (1984) estava certa quando afirmou, sobre os romances Harlequin na década de 1980, os quais compartilham muitas características com a JAFF atual, que eles apresentam tipicamente uma redundância e repetição intertextual e de vocabulário que, segundo Radway, constrói descrições e caracterizações típicas que confirmam as expectativas do leitor, sem qualquer tipo de desafio interpretativo: "A repetição é a regra, não a exceção, que governa esses romances"<sup>10</sup> porque a repetição confirma e satisfaz as expectativas dos leitores, os quais, ao invés de se sentirem cansados com isso, apreciam a apresentação constante de "mais do mesmo".

A cena da carruagem é um bom exemplo para mostrar como uma criação de uma adaptação acaba se tornando, via repetição, parte do universo que circunda a obra original e deixa claro o poder do seriado da BBC de criar convenções que não estão no original mas que se tornarão parte fixa do universo das *fan fictions*. Há, contudo, um outro exemplo ainda mais contundente: a famosa cena do lago em

---

<sup>8</sup> "Mr. Bennet tentou suavizar o momento, mas palavras lhe falharam totalmente e ele se conformou ao invés em insistir a ajudar Jane e Elizabeth a entrar em suas respectivas carruagens. Os maridos seguiram suas esposas e as carruagens começaram a se mover, eles acenando até que estavam fora de vista de Longbourn e um casal do outro. (...) Sorrindo largamente, Darcy beijou Elizabeth novamente e ela suspirou contente quando retribuiu o gesto. A carruagem, com seus dois habitantes felizes e desatentos à sua localização, continuou seu caminho. Na luz do sol brilhante do dia ela tomou a estrada de Londres, afastando-se de Longbourn, em direção ao começo da sua união feliz" (tradução minha). In OWEN, 2015, posição Kindle 5659-5693.

<sup>9</sup> "Eles saíram da igreja em uma chuva de confetes feitos de pétalas frescas de rosas e seguiram para a luxuosa carruagem de Mr. Darcy, a qual era puxada por quatro cavalos brancos. Ele ajudou Elizabeth a entrar e então sentou ao seu lado. Eles acenaram para seus amigos e famílias conforme a carruagem partia. (...) Seus lábios se encontraram e seu beijo foi o começo de uma vida junta longa e feliz" (tradução minha). In CARTER, 2016, posição Kindle 1498-1500.

<sup>10</sup> RADWAY, 1995, p.195-196.

que Darcy tira quase toda sua roupa para nadar em sua propriedade, Pemberley, e depois reencontra Elizabeth ainda molhado:



Fig. 3 Ator Colin Firth no início e final da sequência do lago<sup>11</sup>

Em *Yours Forevermore, Darcy*, Karalynne Mackrory incorpora a cena de forma muito semelhante à adaptação e usa a situação inusitada para indicar a atração que Elizabeth começava a sentir por Darcy, algo extremamente valorizado pelos leitores da JAFF:

It was with this delight unmistakably upon her face that she walked around a hedge in the garden and right into the broad chest of its owner. Mr. Darcy was at home! And from the looks of him, not expecting to encounter anyone. He had removed his jacket, now draped across one arm, his waistcoat was unbuttoned, his cravat missing, and his shirt collar open at the neck. His hair was slightly damp, and dark curls danced across his brow in the slight summer breeze. In a word, he was devastating. Devastatingly handsome, she thought. Suddenly shy, she dropped her eyes again to her belongings on the ground. As she bent to retrieve them, the gentleman did too. (...) Indeed, he felt utterly exposed and cursed himself for stopping along the way at the forest lake that Colonel Fitzwilliam had mentioned.<sup>12</sup>

A cena do lago é tão forte no imaginário de fãs de Austen que já foi mencionada em romances famosos como a sequência de *Bridget Jones* (1999) e *Austenland* (2008), e também foi reproduzida em outras adaptações como no filme *Pride and Prejudice and Zombies* (2016) e na comédia *Lost in Austen* (2008). Essa última é ainda mais interessante porque aborda a visão de Amanda Price, uma jovem dos tempos atuais que é magicamente transportada para dentro do romance de O&P. Ao se apaixonar pelo Mr. Darcy em pessoa, Amanda pede que ele mergulhe no lago em Pemberley exatamente porque ela era uma fã de Austen e já havia assistido à adaptação da BBC. Por fim, a cena do lago foi eleita a sequência mais importante da história da TV inglesa, fato celebrado com a instalação de uma

<sup>11</sup> *Pride and Prejudice* (seriado), Dir.: Simon Langton, 1995. Episódio 4, 00:48:26 a 00:51:56.

<sup>12</sup> “Foi com um imenso prazer marcado em seu rosto que ela caminhou ao longo de uma sebe no jardim e diretamente em frente ao peito de seu proprietário. Mr. Darcy estava em casa! E pela sua aparência, não estava esperando encontrar ninguém. Ele tinha removido seu casaco, carregando-o em um dos seus braços, seu colete desabotoado, sua grava desaparecida e o colarinho de sua camisa aberto no pescoço. Seu cabelo estava levemente molhado, e cachos escuros dançavam sobre sua testa na leve brisa de verão. Em uma palavra, ele estava devastador. Devastadoramente lindo, ela pensou. De repente tímida, ela abaixou seu olhos para seus objetos no chão. Conforme ela se abaixou para recuperá-los, o cavalheiro fez a mesma coisa (...). Realmente, ele se sentia totalmente exposto e amaldiçoou a si mesmo por ter parado no meio do caminho no lago da floresta que o Coronel Fitzwilliam tinha mencionado” (tradução minha). In MACKRORY, 2015, posição Kindle 3772-3805.

estátua imensa de Mr. Darcy no meio do lago do parque de Hyde Park em Londres.<sup>13</sup>



Fig.4: À esquerda, o ator Elliot Cowan como Mr. Darcy atendendo ao pedido de Amanda Price em *Lost in Austen*, 2008. À direita, a estátua no lago em Hyde Park.

Não é de se espantar, portanto, que uma leitora de Austen declarou, em entrevista, que havia lido O&P algumas vezes, “but it never occurred to me the lake scene wasn’t in the book. Guess it just goes to show how a great movie scene (or a lot of hype) can leave an indelible impression on the mind, and change the perception of reality (or fiction)”<sup>14</sup>. Como explica Bronwen Thomas, não é proibido dentro do “fanon” (o “cânone” construído pelos fãs) que certos elementos da trama ou personagens se tornem estabelecidos dentro da comunidade de fãs, mesmo se esses elementos nunca apareceram no texto fonte, ou até mesmo se são diferentes dele<sup>15</sup>. Desde um Darcy que sempre se parece com Colin Firth até a incorporação de cenas como a do lago e da carruagem, tudo isso faz parte então do universo intermediário do fanon que não se prende a uma questão de “fidelidade” ao original.

Contudo, ainda que no universo da *fanfic* haja grande espaço para “inovações”, a determinação de convenções fixas do fanon podem questionar o status da *fanfic* como um tipo de escrita livre, já que, na verdade, afirma Pimenova, a *fan fiction* só empresta suas personagens e cenários e expande um universo já existente sem desejar independência no sentido de se libertar do original. Ao contrário, ela quer ser um tributo ao texto fonte e pertencer a ele, mas em seus próprios termos<sup>16</sup>. Além disso, a combinação entre o universo online dos fãs e do mercado editorial, como mencionado anteriormente, questiona a definição de que *fanfics* são “textos sem fins lucrativos ou comerciais baseados em outros textos ficcionais (séries, filmes, livros) e escritos por seus fãs”<sup>17</sup>, dado o que Juliette Wells chama de “Market Value” da marca Austen (Wells, 2011, p.23) e que pode ser observado nos incontáveis produtos associados ao seu nome, além, claro, de livros e DVDs. Em outras palavras, é quase certo que uma *fanfic* que desobedeça ao fanon nunca chegue a ser publicada, e seus autores e editores estão cientes disso.

É por isso que, para Jim Collins, há muito mais no mundo da *fanfic* do que textos publicados na internet, pois essas produções, por serem elaboradas e divulgadas de forma transmidiática, devem ser compreendidas como uma

<sup>13</sup>[http://www.huffingtonpost.co.uk/2013/07/08/colin-firth-statue-mr-darcy-pride-and-prejudice-lake\\_n\\_3560981.html](http://www.huffingtonpost.co.uk/2013/07/08/colin-firth-statue-mr-darcy-pride-and-prejudice-lake_n_3560981.html) Acesso em 15/08/2016.

<sup>14</sup> “mas nunca tinha me ocorrido que a cena do lago não estava no livro. Acho que isso serve para mostrar como uma grande cena de um filme (ou muita publicidade) pode deixar uma impressão indelével na mente e mudar a nossa percepção da realidade (ou ficção)” (tradução minha). Apud HARMAN, 2009, p.214.

<sup>15</sup> THOMAS, 2011, p.8.

<sup>16</sup> PIMENOVA, 2009, p.48.

<sup>17</sup> idem, p.44, tradução minha.

construção de um universo muito mais complexo, dentro do qual cada mídia ou canal cria uma forma diferente de experiência:

Os prazeres de se perder em um universo ficcional foi expandido por outro tipo de experiência de imersão – mover através de universos ficcionais agregados, que constituem um *metaverso* em constante expansão – um termo especialmente útil porque ele se refere à miríade de extensões do *universo ficcional* original por outros textos através de diferentes formatos de mídia ao longo de décadas. Mark J. P. Wolf argumenta que mundos imaginários diferem de entidades de mídia tradicionais porque “eles são frequentemente transnarrativos e transmidiáticos em forma, abrangendo livros, filmes, videogames, sites de internet e até obras de referência como dicionários, glossários, atlas, enciclopédias e mais”<sup>18</sup>.

O melhor exemplo desse “world building” transmidiático é a série independente “The Lizzie Bennet Diaries”, exibida no YouTube entre os anos de 2012 e 2013, uma adaptação que traz a personagem principal como uma estudante de pós-graduação que grava vídeo-blogs narrando o seu cotidiano e o de sua família como parte de sua tese, enquanto Mr. Darcy aparece como um jovem empreendedor e CEO de uma empresa de comunicação, Pemberley. O universo construído para essa série incluía desde um site oficial na internet dessa empresa, como se existisse de fato, ao uso de várias mídias sociais de forma integrada. Por exemplo, as personagens possuíam contas no Twitter e no Facebook, comentavam em tempo real os vídeos de Lizzie assim que disponibilizados e arregimentaram milhões de seguidores que, “entrando no jogo”, comentavam também o que se passava como se tudo fosse vida real e ninguém soubesse o fim da história. O sucesso foi estrondoso: o episódio em que Lizzie Bennet e William Darcy finalmente ficam juntos foi assistido mais de um milhão de vezes. O seriado ganhou um prêmio Emmy e “Pemberley Digital” foi registrado como o nome oficial da produtora independente, que continuou a produzir outras adaptações no YouTube baseadas em *Little Women* de Louisa May Alcott, *Frankenstein*, de Mary Shelley, e *Emma* e *Sanditon* da própria Austen. Em 2014, fazendo o caminho inverso das adaptações, os produtores lançaram o diário de Lizzie Bennet em forma de livro, e a versão ebook contém links para o leitor acompanhar os episódios do YouTube enquanto lê a mesma história. Todo esse universo construído pelos produtores dessa série ilustram o argumento de Collins de que dentro dessa construção de um mundo, a relação entre o textual e o paratextual se torna cada vez mais difícil de mapear<sup>19</sup>, da mesma forma como os limites entre ficção e realidade também parecem ter sido eliminados, tornando de fato possível a “viagem” de Amanda Price para dentro de O&P.

Assim, a “experiência” de se ler *Orgulho e Preconceito* está cada vez mais associada a todo esse universo criado ao redor da obra e não na leitura em si do original, como se não fosse mais possível fazê-lo sem toda essa bagagem que vem sendo atrelada a ele. E, mais curioso, parece também que somente ler o original não é mais suficiente, dada a sede dos fãs para encontrar mais e mais materiais a respeito de suas histórias preferidas, ou, como afirma Thomas, o seu vício:

---

<sup>18</sup> COLLINS, 2013, p.644, tradução minha.

<sup>19</sup> COLLINS, 2013, p.647.



Tanto a escrita quanto a leitura de *fan fiction* demonstra como a narrativa é viciante. Em outras palavras, querer “mais” do mundo da história, que é o objeto da devoção dos fãs, não pode ser saciado por apenas uma narrativa, e o plano e a navegação dos sites de fanfic giram em torno da seleção e leitura através das histórias, muitas vezes de uma maneira aleatória e não direta.<sup>20</sup>

Esse vício faz com que as portas da *fanfic* fiquem abertas para qualquer tipo de continuação, o que nos leva a um paradoxo de que, por um lado, existe um anseio por mais e mais histórias repetitivas, o que leva a uma tolerância a textos muito ruins, enquanto que, por outro lado, há também uma grande reverência à autora e ao original e uma proteção das convenções do *fanon*. Como coloca Collins, Uma leitura passional está baseada no que parece ser uma premissa contraditória, pois é predicada pela seleção fetichista de um autor literário acima de todos os outros e pela degustação das sutilezas de uma autoria elástica. Isso significa que é uma questão de estar dentro do universo narrativo de *Orgulho e Preconceito* originalmente escrito por Austen (e de certa forma ainda “construído” por ela), mas também, ao mesmo tempo, escolher onde e como mergulhar em um vasto metaverso transautorial, onde fãs conhecem seus pontos de entrada preferidos e as comunidades de leitura mais satisfatórias<sup>21</sup>.

Esses “diferentes pontos de entrada” significam diferentes formas de se reconstruir o original, ou diferentes “subgêneros” de *fanfic*, como as continuações (em inglês, “sequels”) e prequelas (“prequels”), variações (“variations”), “mash-ups” e “modern retellings”. É por isso que podemos encontrar a história de *Orgulho e Preconceito* com zumbis, piratas, ladrões de estrada, na URSS da Guerra Fria, na Grande Depressão americana, entre incontáveis outros exemplos. O que levou a cartunista Kate Beaton a se perguntar “para onde tudo isso caminha?” e a desenhar uma Austen consolando seu desespero com uma bebida alcoólica:



Fig. 6: tirinha de Kate Beaton, cartunista canadense, s/d.<sup>22</sup>

<sup>20</sup> THOMAS, 2011, p.20, tradução minha.

<sup>21</sup> COLLINS, 2013, p.649, tradução minha.

<sup>22</sup> “Eu vi isso e me lembrei de você / Razão e Sensibilidade e Mr. Darcy e Tubarões em Motocicletas Espaciais e ainda tem uma Máquina do Tempo. / Elizabeth” (tradução minha). Disponível em <http://www.harkavagrant.com/index.php?id=263> Acessado em 28 novembro 2016.

Mais de cem anos depois, podemos afirmar tranquilamente que Austen deixou de ser a autoridade final sobre o seu texto, porém ela retém o seu lugar naquele mesmo altar em que os seus admiradores do fim do século XIX, os chamados “Janeites”, a colocaram – sim, é possível escrever “Mr. Darcy e Dragões”, mas isso não significa em nenhum momento uma falta de respeito ou de admiração para com a autora “original”, aquela que tornou tudo isso possível. A sua autoridade, porém, apenas foi transferida para o *fanon*, já que as convenções estabelecidas pelos fãs regem o gênero da *fan fiction* e ditam quais textos são aprovados em seu universo e quais são desprezados.

Esse papel central do fã é geralmente associado como algo negativo, pois a sua relação como o seu objeto de adoração é visto de forma estereotipada como exagerado, obsessivo, por vezes doentio. Só isso já basta para que todas as produções de *fan fiction* sejam automaticamente consideradas inferiores e indignas da qualificação como literatura. Apesar de a grande maioria das histórias da JAFF estarem claramente aquém da complexidade da obra de Austen, essa não é uma questão relevante para se pensar o fenômeno porque os próprios leitores de *fanfic* percebem essa diferença e mesmo assim continuam produzindo e consumindo essas histórias. Logo, é necessário entender esse tipo de produção por outra abordagem, e a questão que me parece mais adequada é o prazer da leitura, o mesmo prazer observado por Janice Radway em *A Feeling for Books* e que comandava as escolhas do Book-of-The-Month Club: “Esse prazer parecia ser mais emocional e absorvente, parecia estar relacionado com os encantos afetivos do transporte, da viagem e da interação social vicária”<sup>23</sup>. Os fãs, portanto, buscam na *fanfic* o mesmo tipo de prazer que foi experimentado quando eles leram um determinado romance, o que justificaria então a repetição de aspectos considerados mais importantes para a reprodução desse prazer quando passam a escrever suas próprias histórias. É desse modo que entendemos, por fim, a insistência repetitiva de um sentimentalismo nas continuações de *Orgulho e Preconceito* e a incorporação de cenas das adaptações que intensificam essa característica, já que, para a grande maioria, o prazer relacionado à leitura desse romance está atrelado ao conflito amoroso e seu final feliz. O que pode ser observado, novamente, naquela adaptação ao mangá japonês:



Fig.16: Cena final de *Orgulho e Preconceito* adaptado para mangá. “Blessed with happiness and family, love and friendship, Elizabeth and Darcy enjoyed a long and joyful

<sup>23</sup> RADWAY, 1997, p.72, tradução minha.

life together, remembering to be grateful always for the curious mishaps which had brought them together”<sup>24</sup>.

A “longa e feliz” vida de Darcy e Elizabeth juntos é enfatizada no texto e, principalmente, no desenho que traz o retrato da família perfeita, todos reunidos em Pemberley e com uma pequena criança, fornecendo aos fãs o típico “e eles viveram feliz para sempre” que, curiosamente, Austen sempre se negou a escrever.

## REFERÊNCIAS:

- AYLMER, Janet. *Darcy's Story*. USA: HarperCollins e-books, 2009, versão Kindle.
- BREWER, David A. *The Afterlife of Character, 1726-1825* Philadelphia: University of Pennsylvania, 2005.
- BRINTON, Sybil. *Old Friends and New Fancies*. USA: Sourcebooks Landmark, 2007, versão Kindle.
- CARTER, Zoe. *Prevailed on to Marry*. A Pride and Prejudice Alternative Story. USA: Amazon Digital Services LLC, 2016, versão Kindle.
- COLLINS, Jim “The Use Values of Narrativity in Digital Cultures” in: *New Literary History*, Volume 44, Number 4, Autumn 2013, pp. 639-660. Disponível em <http://muse.jhu.edu/journals/nlh/summary/v044/44.4.collins.html> e acessado em 18/06/2014.
- FIELDING, Helen *Bridget Jones: The Edge of Reason*. London: Penguin Books, 1999.
- GILLIES, Mary Ann “The literary agent and the sequel” in BUDRA, Paul e SCHELLEMBERG, Betty A. *Part two. Reflections on the sequel* Toronto: University of Toronto Press, 1998, pp. 131-143.
- HALE, Shannon. *Austenland*. NY: Bloomsbury, 2008, versão Kindle.
- HARMAN, Claire *Jane's Fame*. How Jane Austen Conquered the World. NY: Henry Holt, 2009.
- KING, Stacy e TSE, Po. *Manga Classics: Pride and Prejudice*. Canada: UDON and Morpheus, 2014.
- MACKRORY, KaraLynne *Yours Forevermore, Darcy*. USA: Meryton Press, 2015, versão Kindle.
- OWEN, Elaine *One False Step*. A Pride and Prejudice Variation. USA: CreateSpace Independent Publishing Platform, 2015, versão Kindle.
- PIMENOVA, Daria “Fan Fiction: Between Text, Conversation and Game” in HOTZ-DAVIES, Ingrid, KIRCHHOFER, Anton e LEPPANEN, Sirpa (ed) *Internet Fictions*. UK: Cambridge Scholars Publishing, 2009, pp.44-61.
- RADWAY, Janice A. *Reading the Romance. Women, Patriarchy, and Popular Literature*. Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 1984.
- \_\_\_\_\_. *A Feeling For Books*. The Book-of-the-Month Club, Literary Taste, and Middle-Class Desire. US: The University of North Carolina Press, 1997.
- THOMAS, Bronwen “What is fanfiction and why are people saying such nice things about it?” in: *StoryWorlds: A Journal of Narrative Studies*, Volume 3, 2011, pp. 1-24. Disponível em <http://muse.jhu.edu/journals/stw/summary/v003/3.thomas.html>. Acessado em 03/06/2014

---

<sup>24</sup> “Abençoados com felicidade e família, amor e amizade, Elizabeth e Darcy aproveitaram uma longa e alegre vida juntos, sempre lembrando-se de serem gratos por todos os contratempos que os aproximaram” (tradução minha). In KING e TSE, 2014, p.368.

WELLS, Juliette. *Everybody's Jane*. Austen in the Popular Imagination. NY: Continuum, 2011.

“Pride and Prejudice” (seriado) Director: Simon Langton, Studio/Network: BBC and A&E , 5h, 1995.

“Lost in Austen” (seriado) Director: Dan Zeff, Studio/Network: ITV/Grenada Television Ltd., 1h30min, 2008.

“Pride and Prejudice and Zombies” (filme) Dir.: Burr Steers, 1h47min., 2016.

“The Lizzie Bennet Diaries” (seriado) Executive Producers and Co-Creators: Hank Green e Bernie Su, 2013, Disponível em: [The Lizzie Bennet Diaries YouTube Channel](#)

### **Currículo abreviado da autora:**

#### **Maria Clara Pivato Biajoli**

É formada em História (2004) e Letras (2014) pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), tendo defendido seu mestrado em História Cultural em 2007 com bolsa FAPESP e seu doutorado em Teoria e História Literária com bolsa CNPq também pela UNICAMP em 2017. Realizou um ano de doutorado sanduíche na Universidade McGill no Canadá com bolsa CAPES. Sua pesquisa foca na popularidade atual da escritora Jane Austen e no fenômeno da *Fan Fiction*. Atua como professora de inglês e de literatura inglesa no Centro Universitário Padre Anchieta desde 2016, orientando pesquisas sobre História, Literatura Feminina e Gênero.